

Sendo certo que muitos autores escreveram sobre o homem e a sua condição, poucos refletiram sobre a natureza, a origem e o sentido da maldade humana como o fez José Saramago, em particular ao longo do seu Ensaio sobre a Cegueira, uma obra filosoficamente profunda e emocionalmente angustiante. O que se pretende aqui mostrar será, pois, a forma como o Nobel português perspetivou o mal, e, por conseguinte, o inferno; todavia, não será sobre religião, mas apenas sobre ética, o conteúdo deste artigo. No nosso estudo, centramo-nos na leitura e análise do “Ensaio sobre a Cegueira”, mas também considerámos os diários que o escritor redigiu durante o tempo em que escreveu aquele romance, concretamente, “Cadernos de Lanzarote, Diário I” , publicado em 1994, e “Cadernos de Lanzarote, Diário II”, de 1995 (o mesmo ano em que sai o “Ensaio”). Outros textos foram igualmente contemplados, nomeadamente algumas das entrevistas realizadas a José Saramago, onde se pode ler a explicitação do pensamento do autor pelas suas próprias palavras.

Confrontado com a vida, a passagem do tempo e a morte, o amor, a intolerância, a violência e a crueldade, a indiferença e a solidão, o medo fundado e infundado, a verdade, a falsidade e a mentira, confrontado com a ideia de um Deus transcendente e criador de tudo o que existe, Saramago nada mais fez (e muito fez) do que questionar o mundo e os homens, procurando solucionar, tanto quanto possível, as interrogações que o inquietavam. No género do romance encontrou o meio privilegiado para o fazer, assumindo as suas personagens e as suas histórias fingidas um papel determinante para a compreensão da humanidade e das sociedades humanas. Tratando-se “na sua essência, de um ensaísta que escreve romances”, como António José Borges o definiu (2010: pp.16) ao considerar as palavras do próprio autor, não por acaso, Saramago escolhe para título do livro que selecionámos para o nosso estudo – Ensaio sobre a Cegueira – precisamente o termo ensaio, entendido como uma tentativa ou um esboço, uma análise pessoal não doutrinária sobre determinado assunto. A esta sua obra, chamou “ensaio que não é ensaio, romance que talvez o não seja, uma alegoria, um conto «filosófico», se este fim de século necessita tais coisas.” (1995a: pp.101). Noutra ocasião, afirmou tratar-se de um livro sobre as grandes questões (filosóficas, acrescentaríamos nós) dirigida, a todos aqueles que não querem conformar-se (1994: pp. 16). De facto, esta obra – retrato do Homem em situações-limite – provocará qualquer alma inquieta e inconformada; desde a primeira página, mesmo o mais desprevenido leitor, antevê um caminho de sofrimento e angústia, só não imagina até que ponto.

O Prémio Nobel da Literatura não tinha a pretensão de ser filósofo,

como o afirmou em diferentes circunstâncias. Quando ao velho da venda preta, uma das personagens principais do “Ensaio”, lhe chamam filósofo, o velho responde “Que ideia, só sou um velho” (1995b, pp.269). Contudo, embora Saramago não tendo a pretensão de ser filósofo, como dizíamos, as suas obras revelam uma análise crítica, rigorosa e honesta, uma lucidez, proveniente não apenas da maturidade mas das virtudes de um espírito verdadeiramente amigo da sabedoria. Ao adoptar sempre, em todos os contextos, uma postura indagadora, reflexiva e muito atenta, o escritor de “Ensaio sobre a Cegueira” nunca abdicou da sua faculdade de julgar: nas suas palavras, lemos uma visão denunciadora

de um mundo desconcertado e desconcertante. Herdeiro de uma tradição que não nega mas na qual não se revê, Saramago não ocultou as suas raízes civilizacionais, que vão da fé judaico-cristã à racionalidade greco-romana; à revelação da falência de tais fundamentos culturais, todavia, se dedicou com afinco, não apenas nesta, como em toda a sua obra (REAL, in BORGES, 2000).

Definindo-se como um “pessimista pela razão, otimista pela vontade”, adotando para si uma frase de António Gramsci, o escritor de “Levantado do Chão” mostrou-se sempre muito crítico face ao curso que o ser humano estava a tomar. Pelo desrespeito face ao outro e ao ambiente, pela indiferença, o egoísmo e os valores materialistas da plutocracia que parecem continuar a reger o comportamento dos homens, assim como pela violência atroz e a crueldade que continuam a ser praticadas em nome de ideologias cegas e surdas, declara, em mais do que uma ocasião, “Não sou pessimista, o mundo é que está péssimo.”, ou

ainda “O mundo é o inferno. Não vale a pena ameaçarem-nos com outro inferno porque já estamos nele. A questão é saber como é que saímos dele.”

Em “Ensaio sobre a Cegueira”, Saramago procura então caracterizar a sociedade contemporânea, evidenciando assim a sua visão de inferno. Para isso, recorre a um mundo alegórico que recorda, em certa medida, a passagem da “República” de Platão, onde o filósofo apresentava a alegoria da caverna como uma representação do mundo e da condição humana. Em “Ensaio sobre a Cegueira” assistimos a uma cegueira geral ficcional, uma epidemia que se alastra por toda a população de uma cidade e quicá do planeta, espelhando a degradação social e moral da humanidade. Desde a escolha das personagens (incluindo o cão das lágrimas), das relações que estabelecem entre si e dos espaços por onde se movimentam (o antigo manicómio e a cidade), aos símbolos

O ÍNFERNO PARA SARAMAGO, A PARTIR DE UMA LEITURA DO SEU ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA

Fernanda Moura Pinto

utilizados (por exemplo, para além da própria cegueira, evidentemente, as cores – o branco da cegueira e o amarelo da luz), passando pelas estratégias narrativas de que se serve o autor (como a ausência de nomes próprios na obra ou as referências intertextuais, entre outras), cada opção é intencional ao representar a realidade a que alude. Da interpretação do discurso metafórico, emerge a ideologia daquele que escreve o romance e que Saramago sempre desejou desvelar.

Ora, a ideia de inferno está realmente presente ao longo de toda a obra, associada quer à vivência dentro do antigo manicómio, onde os que vão sendo contaminados pela misteriosa doença são internados compulsivamente, quer à vida na cidade, aonde regressam após o incêndio que destrói a prisão e a generalização da epidemia – dos dois, qual o pior cenário. Entre o autoritarismo e o desrespeito pelos mais fundamentais direitos humanos do internato e o desamparo e a indiferença da labiríntica e caótica cidade (imbuindo-me do espírito da temática deste nosso colóquio-debate), apetece dizer: venha o diabo e escolha. De qualquer modo, o termo inferno é referido explicitamente em algumas passagens da obra. Na primeira situação em que ocorre um conflito entre os internados, a mulher do médico, protagonista nesta história e a única que inexplicavelmente conserva a visão ao longo de toda a narrativa, adverte: “Estão a comportar-se estupidamente (...) se a vossa ideia é fazer disto um inferno, continuem que vão por bom caminho.” (pp.54). E, mais adiante, aquando da chegada do segundo grupo de cegos às camaratas e com o clima de tensão a aumentar, desabafa: “Tinha de ser, o inferno prometido vai principiar.” (pp.72). Por fim, no momento mais angustiante da obra, na descrição do mais veemente ataque à dignidade humana, escreve o autor, não prescindindo da fina ironia que o caracteriza, a propósito da violação coletiva a um grupo de mulheres imundas e malcheirosas:

“Parece impossível que a força animal do sexo seja assim tão poderosa, ao ponto de cegar o olfacto, que é o mais delicado dos sentidos, não faltam mesmo teólogos que afirmam, embora não por estas palavras, que a maior dificuldade para chegar a viver razoavelmente no inferno é o cheiro que lá há.” (pp.174)

O “Ensaio sobre a Cegueira” não alude diretamente a qualquer facto histórico, pelo contrário: intencionalmente esta obra não tem tempo nem espaço determinado, tendo sido escrita, apesar de tudo, no final de um século em que o homem foi capaz de formas de mal tão extremas, às quais o seu autor nunca poderia ser indiferente. Em “Cadernos de Lanzarote” questiona-se:

“quantos milhões de pessoas terão acabado assim [mortos de fome, mortos de miséria, mortos fuzilados, degolados, queimados, esfaqueados, mortos, mortos, mortos] neste maldito século que está prestes a acabar? (Digo maldito, e foi nele que nasci e vivo...) Por favor, alguém que me faça estas contas, dêem-me um número que sirva para medir, só aproximadamente, bem o sei, a estupidez e a maldade humana.” (1995a: pp.148)

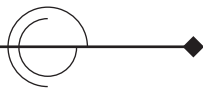
Efetivamente, é forçosa a associação, sobretudo da primeira parte da obra, que retrata a realidade vivida dentro do antigo manicómio, aos totalitarismos vigentes no século XX, destacando-se o papel do governo, da voz do altifalante e dos soldados. No entanto, manda a justiça referir também, para além da ação individual daqueles que agem motivados por

razões fúteis e egoístas, o papel do capitalismo desenfreado, que tem sido igualmente responsável, ainda que mais silenciosamente, pelo sofrimento e morte de muitos milhares de pessoas e para o qual remete a ação da personagem coletiva dos cegos malvados (liderados pelo chefe dos malvados e depois pelo cego da contabilidade). O século passado assistiu a uma destruição massiva sem precedentes de seres humanos inocentes, que conduziu a uma “banalidade do mal” que Hannah Arendt tão bem descreveu na reportagem que fez sobre o julgamento em Jerusalém do dirigente nazi Adolf Eichmann, um burocrata que, convicto do seu mérito em cumprir o dever que lhe havia sido incumbido, nunca chega a revelar verdadeira consciência das consequências dos seus atos e a responsabilizar-se por eles (– inclusivamente, durante a sua defesa, chega mesmo, numa interpretação aberrante do imperativo categórico kantiano, a citar o filósofo de Königsberg para justificar o seu comportamento). Por isso Arendt afirma (e certamente Saramago anuiria) ser a ausência de pensamento e a ausência de liberdade a causa do mal banal, aquele que existe quando o mal extremo é o que se espera dos indivíduos, quando a tentação é fazer o bem.

Mas a denúncia de Saramago, porém, não se cingiu à sociedade ocidental do final do século XX., o seu olhar perscrutante atinge, de facto, toda a humanidade. Numa passagem do “Ensaio” pode ler-se: “[...] o mal [...] sempre foi o mais fácil de fazer.” (1995b: pp.90). Ora, quando assim é, vive-se no inferno – morada punidora não dos mortos pecadores mas dos vivos que perpetuam o pecado. De resto, a associação vida-morte é também uma constante ao longo da obra (por exemplo, quando se diz: “[...] o que penso é que já estamos mortos, estamos cegos porque estamos mortos, ou então, se preferes que diga isto doutra maneira, estamos mortos porque estamos cegos, dá no mesmo.”, 1995b: pp.241). Castigo em vida, numa vida que é morte, porque não é digna de ser chamada vida, o inferno é o castigo, o mal físico decorrente do mal moral. De destacar, neste ponto, a marca da tradição judaico-cristã, mas não só. Como aponta Paul Ricoeur (2013), não apenas no mito adâmico, mas em todas as explicações míticas – cosmológicas e teológicas – se encontram associados ao mal os símbolos primários da mancha (sujidade, impureza), do pecado (quebra de uma ordem estabelecida, caos) e da culpabilidade (responsabilização e punição pela falta cometida), os quais percorrem toda a obra.

Na verdade, Saramago não apresenta qualquer definição superficial de bem ou de mal, encarados, para além disso, como conceitos facilmente confundíveis. Afirma a mulher do médico a dada altura: “agora somos todos iguais perante o mal e o bem, por favor, não me perguntem o que é o bem e o que é o mal, [...] o certo e o errado são apenas modos diferentes de entender a nossa relação com os outros” (1995b: pp.262). O escritor abstém-se, pois, de fazer julgamentos morais, canalizando o conceito de mal moral para o desrespeito pela pessoa humana. Exemplo disso é a rapariga dos óculos escuros, aquela que era prostituta antes da cegueira (embora só se deitasse com quem quisesse), e que por isso, pelo seu comportamento imoral, acreditava ter cegado. Contudo, a mais bonita e atraente de todas as personagens da história é apresentada como uma mulher consciente, sensível e solidária. Qual Maria Madalena.

Saramago desconhece qual a quota parte da hereditariedade e qual a da educação na escolha que cada ser humano faz entre o moralmente correto e o moralmente incorreto, o que sim admite é ser o indivíduo a causa das suas ações. Aliás, a difícil relação que Saramago mantém com Deus, no seio do seu “ateísmo espiritualista”, como a Professora Celeste Natário tão bem denomina, resulta precisamente do facto do escritor não perdoar a Deus a maldade humana. Em “Ensaio sobre a Cegueira”, numa



das duas únicas referências a Deus, podemos ler:

“todas as imagens da igreja estão com os olhos vendados, [...] Se foi o 76 padre quem tapou os olhos das imagens [...] esse padre deve ter sido o maior sacrilégio de todos os tempos e de todas as religiões, o mais justo, o mais radicalmente humano, o que veio aqui para declarar finalmente que Deus não merece ver.” (1995b: pp. 301-302)

Restará então a cada indivíduo pensar e agir livremente, cabendo apenas a si a responsabilidade das inúmeras opções que toma, e através das quais se define. A rapariga dos óculos escuros afirma a dada altura: “Dentro de nós há uma coisa que não tem nome. É isso que somos” Saramago acabará por chamar a essa “coisa” humanidade. Não será no campo das ideias mas perante a força das circunstâncias que se testam os caracteres, sabendo de antemão, como diria Kant, que a vontade humana não é santa (e por isso mesmo é humana). Neste aspeto se evidencia o pessimismo de Saramago, por desconfiar que, perante as circunstâncias adversas, o pior de nós emergirá, tratando-se apenas de uma questão de tempo (várias são as passagens do “Ensaio” em que esta ideia é realçada: “[...]... em menos de dez minutos os sapatos já estarão sujíssimos, é como tudo na vida, deem tempo ao tempo, e ele se encarrega de resolver.” (pp.232); “Nunca se pode saber de antemão de que são capazes as pessoas, é preciso esperar, dar tempo ao tempo, o tempo é que manda” (pp. 299). Até a mulher do médico, exemplo de generosidade e coragem, se questiona, depois de encontrar um armazém cheio de comida, na cave de um supermercado despejado de alimentos, mas ainda assim abrigo de vários cegos famintos e (des)esperançosos:

“Que faço. Poderia, quando chegasse à saída, voltar-se para dentro e gritar, Há comida ao fundo do corredor, uma escada que leva ao armazém da cave, aproveitem, deixei a porta aberta. Poderia fazê-lo, mas não o fez. Ajudando-se com o ombro, fechou a porta, dizia a si mesma que o melhor era calar, imagine-se o que aconteceria, os cegos a correrem para lá como loucos, seria como no manicómio quando se declarou o incêndio, rolariam pelas escadas abaixo, pisados e esmagados pelos que viessem atrás [...]” (1995b: pp. 224)

E mais adiante continua o narrador: “(...) a mulher narrou as suas aventuras, de tudo o que lhe acontecera e fizera só não disse que tinha deixado a porta do armazém fechada, não estava muito segura das razões humanitárias que a si própria tinha dado” (1995b: pp.228). A mulher do médico, sendo, entre todas as personagens, a mais consciente em relação ao mundo que a rodeia, ao outro e a si própria (reconhecendo por isso mesmo as suas limitações e as suas fraquezas), será, por essa razão talvez, a única que nunca não chega a cegar. Apesar de descrente na humanidade (“É desta massa que nós somos feitos, metade de indiferença e metade de ruindade.”, murmura o médico a dada altura, 1995b: pp.40), Saramago é um humanista convicto, apontando como causa da desumanização do ser humano e do mundo a cegueira da razão, que ocorre quando esta (a razão) não é usada, revelando-se o Homem incapaz de se observar a si mesmo e aos demais na sua interioridade, na sua essência: ao afastar-se da sua natureza racional, esse ser a-racional torna-se menos humano. Saramago é um pessimista mas não um niilista, como assinala Gómez Aguilera (2010), e em “Ensaio sobre a Cegueira”, como em todas as suas obras e intervenções públicas, na verdade, o romancista pretende abrir os olhos da humanidade, para que

esta reaprenda a ver.

Valorizando sempre o pluralismo da verdade, entende o Nobel português ser o respeito pelo outro e pelo ambiente a única via para impedir a propagação do mal – o respeito pelo outro, insistia, e não o amor ao próximo, porque, como chegou a afirmar numa entrevista, “o amor é uma coisa pessoal” que “não transcende para o coletivo” e por isso, por não ser suficiente, a máxima bíblica do “amemo-nos uns aos outros” se torna ineficaz. Proclamava portanto Saramago a urgência de uma insurreição ética – expressão que gostava de repetir – uma revolução da bondade que despertasse as consciências pessoais e exigisse a cada indivíduo a responsabilização (perante si e perante a sociedade) pelos seus atos, lembrando que a inação é já uma acção, uma escolha. Apesar dos horrores descritos ao longo do livro, uma esperança ténue permanece, emergindo da enorme capacidade de adaptação e de reorganização do ser humano face ao caos: “[...] organizar-se já é, de uma certa maneira, começar a ter olhos,” defende o médico. (1995b: pp. 282). Portanto, ao contrário do que afirmara Sartre, o inferno não são os outros, pois é pelo outro que passa a salvação. Vidente depois de ter cegado, um novo Homem emerge no antigo Homem: cabe-lhe agora a si a construção do céu na terra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABOS, Márcia (2008) – ‘Não sou pessimista, o mundo é que é péssimo’, desabafa Saramago, in jornal O Globo. Disponível em linha: <http://oglobo.globo.com/cultura/nao-sou-pessimista-mundo-que-pessimista-desabafa-saramago-3604651#ixzz48pAFDV29> (última consulta: maio de 2016).

ARENDETT, Hannah (2004) – Eichmann em Jerusalém, Uma reportagem sobre a banalidade do mal. Introdução de António de Araújo e Miguel Nogueira de Brito. 2.ª edição. Coimbra: Edições Tenacitas.

BORGES, António José (2010) – José Saramago – Da Cegueira à Lucidez. Prefácio de Miguel Real, posfácio de Elsa Rodrigues dos Santos. Sintra: Zéfiro.

FIGUEIREDO, Fidelino de (1944) – A Luta pela Expressão (Prolegómenos para uma Filosofia da Literatura). Coimbra: Editorial Nobel.

GÓMEZ AGUILERA, Fernando (2010) – José Saramago nas suas Palavras. Edição e Seleção de Fernando Gómez Aguilera. Lisboa: Caminho.

KANT, Immanuel (1999) – Fundamentação da Metafísica dos Costumes. Introdução e análise de Marcello Fernandes e Nazaré Barros. 5.ª edição. Lisboa: Lisboa Editora.

REIS, Carlos (1998) – Diálogos com José Saramago. Lisboa: Caminho.

RICOEUR, Paul (2013) A Simbólica do Mal. Prefácio Maria Luísa Portocarrero. Lisboa: Edições 70.

SARAMAGO, José (1994) Cadernos de Lanzarote, Diário I. Lisboa: Caminho.

SARAMAGO, José (1995a) Cadernos de Lanzarote, Diário II. Lisboa: Caminho.

SARAMAGO, José (1995b) – Ensaio sobre a Cegueira. 9.ª edição. Lisboa: Caminho.

SARAMAGO, José (2008) – Não posso estar contente, o mundo é o inferno, entrevista a Maria José Oliveira (Público) e Paulo Magalhães (Renascença), Lisboa. Disponível em linha: <https://ibericos.wordpress.com/2008/06/16/jose-saramago-nao-possa-estarccontente-o-mundo-e-o-inferno/> (última consulta: maio de 2016).

TODOROV, Tzvetan (2002) – Memória do Mal, Tentação do Bem – Uma Análise do Século XX. Porto: Edições Asa.